

HARLEN FÉLIX – EDITOR DO VIVA – BOM DIA RIO PRETO = PLACEBO – FIT, JULHO 2007 – FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Harlen Félix – A instalação Placebo parte da imagem para recriar “complementos sensoriais”. Nessa sociedade moderna e global, a imagem é um placebo para muitos males do cotidiano? E esse remédio, cura ou vicia?

Wagner schwartz – Isso depende de quem o está tomando. A imagem é uma mídia como outra qualquer e tem seus efeitos. Não sei se ela produz cura ou se é paliativa, mas pode problematizar o que você chama de males do cotidiano. No caso de Placebo a imagem toma o lugar do intérprete, do performer. Ela o substitui. Coloca em evidência alguns traços existenciais como o afastamento, a distância nas relações por questões globais – neste caso, o efeito é dissimulado e o espetáculo toma essa vertente do globalitarismo, do palco universal como objeto de trabalho.

Harlen Félix – E como placebo surgiu nesse processo criativo?

Wagner schwartz – Eu tento agregar aos meus trabalhos um sobrenome, da biografia ao acontecimento, repensando, afetivamente, o que Lygia Clark propunha em seus projetos ao pensá-los da obra ao acontecimento. Acho que a biografia se torna algo importante nas ações artísticas contemporâneas porque ela pode estar deixando de existir com os efeitos da globalização e isso, para mim, representa um perigo.

Harlen Félix – Quais imagens são inseridas nas projeções?

Wagner schwartz – As imagens sugeridas por Placebo vão de encontro ao meu ambiente, ao meu cotidiano. Nada além do que eu já tenha experienciado durante meu período de deslocamento dentro e fora do Brasil. Mas ali, elas são reduzidas ao mínimo. São decupadas, revisitadas de uma forma artística – sem perder seu conteúdo humano, político. E a proposta é que criem, juntamente com o público, sua fisicalidade – que está por momento, ausente.

Harlen Félix – E os textos interpretados, partem de quais objetivos?

Wagner schwartz – Objetivo pode ser uma palavra violenta para uma proposta artística. Mas também pode ser entendida como um jogo de percepções. O único texto de toda a instalação, Chá de Freud, dialoga com o tema da surpresa, das coincidências, da temporalidade – atraso e antecipação de informações imprescindíveis para as descobertas científicas, artísticas. A forma ironicamente didática de sua apresentação evidencia a possibilidade de desdobramentos intelectuais em qualquer lugar, a qualquer momento.

Harlen Félix – A instalação placebo já foi realizada em algum espaço semelhante ao do não-lugar, ponto de convivência do festival rio-pretense?

Wagner schwartz – A instalação Placebo teve sua estreia no Festival de Dança de Araraquara/SP, em 2006 no foyer do Teatro Municipal. Em seguida, foi apresentado na galeria Elvino e Adélia Lima em Uberlândia/MG; no Cine Odeon no Rio de Janeiro (Panorama Festival) por fim, no mesmo ano, no evento Quarta que Dança, em Salvador/BA, no palco do Espaço X. Os locais aonde o trabalho foi apresentado sempre dialogaram com a questão do não-lugar e talvez, por exercício ou por desejo, Placebo encontrou neste não-lugar seu lugar. É muito difícil não ter um endereço!

Harlen Félix – Quais foram os desafios no desenvolvimento deste trabalho? O FIT deste ano dá espaço às impermanências do processo criativo da arte. Quais são as impermanências de Placebo?

Wagner schwartz – O maior desafio para mim, como artista da dança, é pensar nas diferentes formas de representação de sua mídia. Em Placebo, especificamente, trabalho com a não-presença como objeto. É por isso que eu configurei dança, neste projeto, em tevês. A impermanência para mim se dá no ato de encontrar diferentes mídias para representar uma ideia.

Harlen Félix – O senhor estará na cidade para acompanhar o desenrolar da instalação?

Wagner schwartz – Infelizmente não poderei estar presente no FIT 2007, mas isso não se relaciona com a questão do trabalho! (risos) mas porque eu estou trabalhando em Berlim. Quem cuidará da montagem da instalação e estará à disposição dos mais curiosos é a minha produtora Gabriela Gonçalves.

Harlen Félix – Há outros trabalhos em desenvolvimento? Há novidades em produção?

Wagner schwartz – Sim. Agora estou morando em Berlim e aqui estou desenvolvendo dois vídeos-arte: um deles chamado Mein Raum? (Meu Espaço?), em colaboração com outros dois artistas Nathalie Fari e Ricardo de Paula. Esse é um vídeo-entrevista que terá como tema principal os espaços privado e público. E para a sua primeira edição temos como convidados o artista plástico brasileiro Alex Flemming, prof. Rainer Ernst (Arquiteto, professor da Kunsthochschule Weissensee Berlin) e Martin Reimann proprietário do Wendel – Kleine Characters Galerie. O segundo projeto se chama Cleópatra, é um vídeo para iPod brincando com a ideia de avatares, com a performer estadunidense Ligia Manuela Lewis. E ainda, estou desenvolvendo a dramaturgia de meu próximo espetáculo solo Piranha, ainda sem data para estreia.